



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

KAROLYNY GOMES MARQUES

**WILMA MARIA GOMES MARQUES: REMEMORANDO O PROCESSO
FORMATIVO E A TRAJETÓRIA PROFESSORAL**

GUARABIRA – PB

2020

KAROLYNY GOMES MARQUES

**WILMA MARIA GOMES MARQUES: REMEMORANDO O PROCESSO
FORMATIVO E A TRAJETÓRIA PROFESSORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e formação docente.

Orientadora: Prof.^a Ms Thayana Priscila Domingos da Silva

Coorientadora: Prof.^a Dr^a. Ingrid Karla Cruz Biserra

GUARABIRA – PB

2020

M357w Marques, Karolyny Gomes.

Wilma Maria Gomes Marques [manuscrito] : rememorando o processo formativo e a trajetória professoral / Karolyny Gomes Marques. - 2020.

44 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.

"Orientação: Profa. Ma. Thayana Priscila Domingos da Silva, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

"Coorientação: Profa. Dra. Ingrid Karla Cruz Biserra, UFPB - Universidade Federal da Paraíba"

1. História Oral. 2. Memórias. 3. História de Vida. 4. Mulheres. I. Título

21. ed. CDD 901

KAROLYNY GOMES MARQUES

**WILMA MARIA GOMES MARQUES: REMEMORANDO O PROCESSO
FORMATIVO E A TRAJETÓRIA PROFESSORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia.

Linha de Pesquisa: Fundamentos da
Educação e Formação de Professores

Aprovada em, 29 de setembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Thayana Priscila Domingos da Silva

Prof.ª Ms. Thayana Priscila Domingos da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ingrid Karla Cruz Biserra

Prof.ª Dr.ª Ingrid Karla Cruz Biserra (Coorientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Sheila Gomes de Melo

Prof.ª Ms. Sheila Gomes Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Verônica Pessoa da Silva

Prof.ª Dr.ª Verônica Pessoa da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus.

Dedico a você esta minha conquista. Sempre presente a todos os momentos, seja ele de alegria ou tristeza. Durante as madrugadas de estudo, muitas das vezes em meio ao choro, a vontade de desistir, você sempre estava ali, a me acolher e a me fortalecer em cada dificuldade. Ao Senhor o meu reconhecimento e gratidão por nunca me deixar se sentir só, durante essa jornada árdua.

Agradecimentos

A minha mãe, sempre presente, incentivando-me a seguir nos estudos e a lutar pelos meus ideais. A sua vontade de vencer sempre me foi um exemplo a seguir.

Ao meu pai, Arnaldo (*in memoriam*), hoje não está mais aqui para comemorar mais uma conquista minha, mas de onde você está, creio que está feliz.

Aos meus irmãos, sobrinhos e ao meu cunhado, por toda demonstração de amor e dedicação durante essa caminhada. Vocês fazem parte dessa conquista.

A minha orientadora, Thayana, por ter aceitado embarcar neste estudo comigo, por acreditar e sempre me incentivar para que pudesse chegar ao término do mesmo. Lhe agradeço pelo acolhimento, dedicação, paciência e todo apoio demonstrado enquanto professora-orientadora. A você minha eterna gratidão por tudo. São professores como você que fazem a diferença na vida dos seus alunos e que nos fazem acreditar na educação.

A Ingrid, minha coorientadora, pois me faltam palavras para agradecer por tudo que ela representou durante essa caminhada acadêmica. A você o meu reconhecimento pela paciência, apoio, dedicação no seu trabalho enquanto professora coorientadora e amiga. Seus ensinamentos em sala de aula me fizeram refletir o ser humano que eu sou e o que eu quero ser.

As amigas de turma, Katiúscia e Elizete sempre juntas durante as aulas, as elaborações de trabalhos, estágios, companheiras inseparáveis durante essa jornada. Minha eterna gratidão.

A amiga Luciana Pereira, que sempre se fez presente, incentivando-me a ir além.

A Márcia Mendes, que me apresentou a História da Educação. Uma professora que se tornou amiga. Gratidão por ser essa pessoa amiga, dedicada e incentivadora.

As professoras Verônica Pessoa e Sheila Melo, por terem aceitado fazer parte deste momento, através das suas contribuições enquanto examinadoras.

“É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que de outro modo parecem tão distantes. E ouvindo-o falar, temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoção, reações observações, idiossincrasias, relatos pitorescos. Que interessante reconhecer que, em meio a conjunturas, em meio a estruturas, há pessoas que se movimentam, que opinam, que reagem, que vivem, enfim! É como se pudéssemos obedecer a nosso impulso de refazer aquele filme, de reviver o passado, através da experiência de nosso interlocutor. E sua presença nos torna mais próximos do passado, como se pudéssemos restabelecer a continuidade com aquilo que já não volta mais. Se ouço de um entrevistado um relato de seu cotidiano vivido há 60 anos em minha cidade, acabo me identificando com ele, e, eu mesma, caminhando pelas ruas em meio a bondes e senhores de chapéus”.

(Verena Alberti)

RESUMO

A proposta do presente trabalho surgiu a partir dos estudos no componente Curricular História da Educação I e II, no curso de Pedagogia da UEPB, no Campus III. Percebeu-se que a História Oral, por volta do Século XIX, trabalhava com memórias de vida de pessoas célebres com destaque na sociedade. Porém, com o passar do tempo, os pesquisadores começaram a se interessar por histórias de pessoas comuns, dando destaque à história de mulheres, que contribuíram de alguma forma para a sociedade da época e/ou por experiências singulares que possibilitam contextualizar o individual, social e coletivo. Partindo desse desígnio, foi desenvolvido este trabalho monográfico no campo da História Oral com abordagem na História da Educação e História de Mulheres. O objetivo principal do trabalho é o processo educacional e professoral de Wilma Maria Gomes Marques, compreendendo o processo histórico – educacional feminino na Paraíba entre os anos de 1953 a 1991. Ao dar voz às mulheres a História Oral nos possibilita contar as trajetórias de vida dessas mulheres, que estavam adormecidas, através de relatos das suas memórias. Para embasar a pesquisa recorreu-se a autores que abordam alguns conceitos que corroboraram com as propostas contidas no trabalho, como Sharp (2011), Alberti (2004 e 2008) e Perrot (2013). Percorremos caminhos metodológicos para a concretização da pesquisa, a partir da realização de entrevista orais para obtermos a narrativa da professora Wilma Marques. Analisamos também fontes como documentos pessoais e fotografias. Assim, a rememoração do processo formativo e a trajetória professoral da professora Wilma Maria Gomes Marques, tornam-se relevantes, pois as narrativas da memória de vida nos fazem compreender a História da Educação contribuindo para a História de mulheres.

Palavras – chaves: História Oral. Memórias. História de Vida. Mulheres.

ABSTRACT

The proposal of the present work arose from the studies in the Curricular Component History of Education I and II, in the Pedagogy course at UEPB, at Campus III. It was noticed that Oral History, around the 19th century, worked with memories of the lives of celebrities with prominence in society. However, over time, researchers began to be interested in the stories of ordinary people, highlighting the history of women, who contributed in some way to the society of the time and / or by singular experiences that make it possible to contextualize the individual, social and collective. Based on this goal, this monographic work was developed in the field of Oral History with an approach in the History of Education and History of Women. The main objective of the work is the educational and professorial process of Wilma Maria Gomes Marques, understanding the historical and educational process of women in Paraíba between the years 1953 to 1991. By giving women a voice, Oral History allows us to tell the life trajectories of these women, who were asleep, through reports of their memories. To support the research, authors were used that address some concepts that corroborated with the proposals contained in the work, such as Sharp (2011), Alberti (2004 and 2008) and Perrot (2013). We followed methodological paths to carry out the research, starting with oral interviews to obtain the narrative of Professor Wilma Marques. We also analyzed sources such as personal documents and photographs. Thus, the recollection of the formative process and the professorial trajectory of Professor Wilma Maria Gomes Marques, become relevant, since the narratives of the memory of life make us understand the History of Education contributing to the History of women.

Keywords: Oral History. Memoirs. Life's history. Women.

SUMÁRIO

1	CAMINHOS DA PESQUISA	10
2	HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIAS DE MULHERES: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....	12
	2.1 A importância do relato de histórias de mulheres para a História da Educação.....	14
3	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	16
4	REMEMORANDO O PROCESSO FORMATIVO E A TRAJETÓRIA PROFESSORAL.....	18
	4.1 As Memórias Educacionais de uma Normalista (Final dos anos 1970)	27
	4.2 Com a palavra: a professora Wilma (anos 1966 – 1991).....	32
5	UMA VOZ PARA NÃO ESQUECER: ALGUMAS (IN) CONCLUSÕES	35
	REFERÊNCIAS	37
	APÊNDICE A.....	39
	APÊNDICE B	43

1. OS CAMINHOS DA PESQUISA

A experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo, por isso, atraente na divulgação do conhecimento. Quando bem aproveitada, a história oral tem, pois, um elevado potencial de ensinamento do passado, porque fascina com a experiência do outro

(Verena Alberti).

O presente trabalho monográfico é resultado de um estudo científico na área da Pedagogia, com ênfase na História da Educação (HE) do município de Guarabira – PB, destacando às memórias, através de narrativas, da professora aposentada Wilma Maria Gomes Marques, partindo dos seguintes aspectos: o sentido histórico da sua formação educacional e profissional.

A pesquisa está situada no campo teórico-metodológico da História Oral (HO), onde Alberti (2008, p. 155), vem destacando que “a História Oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”, por compreender a importância deste aos estudos com memória, uma vez que possibilitam revelar o outro excluído dos acontecimentos históricos oficiais. Aqui, subscreve-se o sujeito da pesquisa sendo mulher, normalista, professora, que contribui para refletirmos sobre as práticas educacionais que permearam a sua formação e a dimensão sociocultural das suas práticas educativas.

Por volta do Século XIX, a História Oral dava ênfase às memórias de vida de pessoas célebres com destaque na sociedade, como reis, príncipes, governantes. O objetivo era enaltecer o sujeito e seus artefatos. Porém, com o passar do tempo, os pesquisadores começaram a se interessar por histórias de pessoas comuns, mas que contribuíram de alguma forma para a sociedade da época e/ou experiências singulares que possibilitam contextualizar o individual, social e coletivo (ALBERTI, 2008).

Considerando que todos somos seres carregados e produtores de história, o estudo sobre a trajetória de uma mulher educadora na Paraíba, nos ajuda a pensar

sobre nós mesmos e sobre a educação em determinado momento, não para buscar respostas prontas e conclusivas, mas para propor análises com vistas a refletir como chegamos a ser quem somos hoje, e isso passa, necessariamente, pela educação, sobretudo a escolar.

Sendo assim, surgiu a ideia de desenvolver esta pesquisa sobre o processo formativo e a trajetória professoral da professora Wilma Maria Gomes Marques, que foi aluna da Escola Normal Nossa Senhora da Luz e contribuiu como educadora para o processo educacional da cidade de Guarabira-PB, mediando o saber através de suas práticas pedagógicas, por mais de duas décadas. Assim, também pudemos compreender o processo de formação no recorte de temporal de (1953 – 1991), em especial para as mulheres dessa época, onde as moças eram preparadas nas escolas Normais para educarem as crianças, papel social conduzido pela imagem feminina de mãe cuidadosa.

A respeito disso, Almeida (2014) diz que sociedade,

[...], colocou nas mãos femininas a responsabilidade de guiar a infância e moralizar os costumes. A figura da mulher atuante na escola-mãe que redimia e encaminhava para uma vida de utilidade e sucesso foi esculpida em prosa e verso. Nessa visão se construiria a imagem da mulher – mãe – professora, aquela que iluminava na senda do saber e da moralidade, qual a mãe amorosa debruçada sobre as frágeis crianças a serem orientadas e transformadas por ensinamentos que possuíam a capacidade natural de desenhar e acalentar esperanças, [...] (ALMEIDA, 2014, pp. 57-58).

Partindo disso, buscamos rememorar o processo formativo e a trajetória professoral da professora Wilma Maria Gomes Marques, relatando o modo como acontecia a educação feminina, bem como, as suas memórias professorais, entre os anos de 1953 – 1991, a partir das suas narrativas. Sobre narrativas, Alberti (2004, p. 77), nos fala que, “[...] ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido”.

A pesquisa bibliográfica foi construída junto à biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, acervo particular, acervo virtual, entre outros, para dar um embasamento maior à pesquisa. Para fundamentar a pesquisa utilizamos autores como: ALBERTI (2008), PERROT (2013), SHARP (2011), LOURO (2004) entre outros que trazem conceitos que abordam a temática escolhida.

Esta monografia organiza-se em quatro capítulos, no primeiro capítulo, intitulado **os caminhos da pesquisa**, conduzimos os trajetos iniciais escolhidos através da aproximação com a pesquisa em foco. No segundo capítulo, **história oral e memórias: contribuições para a História da Educação**, buscamos um direcionamento para a História Oral e Memórias, compondo a contribuição desses para a História da Educação, através de autores que tratam do tema em questão, especialmente sobre educação e educadoras, utilizando seus conceitos para um melhor embasamento da pesquisa. No terceiro capítulo, trazemos os **pressupostos metodológicos**, os caminhos para elaboração da pesquisa, a forma como foi desenvolvida e executada. O quarto capítulo, rememorando **o processo formativo e a trajetória professoral**, configura-se as memórias da professora Wilma Maria Gomes Marques, onde primeiramente trazemos sua biografia, logo após abordamos a rememoração do seu tempo escolar e professoral a fim de compreendermos o contexto histórico educacional, enquanto normalista, e professoral, analisadas a partir da interpretação das narrativas da entrevista oral.

Desse modo, buscamos discutir o nosso objeto de estudo sob a perspectiva da História da Educação através da HO, que a partir das memórias e narrativas da professora Wilma Marques contribui para refletirmos sobre a História da Educação, especialmente, de mulheres.

2. HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIAS DE MULHERES: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

“[...] A partir do momento em que dá voz a múltiplos e diferentes narradores, a história oral possibilita conhecer novas versões da mesma história, já que essa é uma opção de construir a história através das palavras daqueles que vivenciaram e participaram em um determinado período, em um dado momento”.

(Thaís J. de O. Isidro)

A História Oral surgiu em meados do Século XX, como um método de pesquisa utilizado pelos historiadores para contar a história e os acontecimentos passados e recentes de pessoas que se destacaram em meio à sociedade. Porém,

mais tarde, a HO ganhou maior destaque com o aparecimento do gravador de fita, no ano de 1948, onde os pesquisadores puderam registrar os acontecimentos em tempo presente através da gravação do relato do entrevistado.

Para Sharp (2011),

[...] a história oral tem sido muito usada pelos historiadores que tentam estudar a experiência das pessoas comuns, embora, é claro, não haja razão por si só evidente do motivo pelo qual o historiador oral não deva gravar as memórias das duquesas, dos plutocratas e dos bispos, da mesma forma que dos mineiros e dos operários fabris. Mas o historiador oral tem problemas óbvios ao tratar com pessoas que morreram antes de serem gravadas ou cuja memória foi perdida por seus sucessores, e o tipo de testemunho direto que pode obter é negado aos historiadores dos períodos mais antigos. Ao contrário, como sugerimos, existem fontes que permitem aos historiadores de tais períodos chegarem mais perto das experiências das pessoas das classes inferiores. (SHARP, 2011, p. 49).

Sendo assim, a HO não apenas conta a história de pessoas célebres, ela também ganha destaque nos meios menos favorecidos da sociedade, dando voz aos “esquecidos”, principalmente a mulheres que se destacaram na sociedade e que permaneciam no anonimato.

Sobre isso Alberti (2008) esclarece que:

na década de 1960, paralelamente ao aperfeiçoamento do gravador portátil, tornaram-se frequente também as “entrevistas de história de vida” com membros de grupos sociais que, em geral, não deixavam registros escritos de suas experiências e formas de ver o mundo. Foi a fase conhecida como da História Oral militante”, praticada por pesquisadores que identificavam na nova metodologia uma solução para dar voz” às minorias e possibilitar a existência de uma História vinda de baixo”. (ALBERTI, 2008, p. 157).

A incorporação do gravador, a HO fez com que surgisse a fonte oral, onde de acordo com Santhiago (2008, p.35) “[...] a fonte oral foi vista como possibilidade de acessória, de complementação, de preenchimento de lacunas acerca de fatos desconhecido, [...]”, a partir daí, as mulheres começam a ganhar voz, através de suas memórias, espaço em meio às narrativas dos historiadores.

Com a chegada do gravador os trabalhos de HO ganharam um suporte melhor, pois através das gravações dos relatos, o pesquisador/a pode transcrever as memórias dos entrevistados sem que algumas informações fosse perdidas, pois,

a rememoração ela é inconstante porque o indivíduo pode ao mesmo tempo lembrar e esquecer de alguns fatos.

2.1 A importância do relato de histórias de mulheres para a História da Educação

De acordo com Perrot (2013), pouco se falava nas mulheres e suas histórias de vida, escassamente se via senhoras ocuparem cargos públicos ou que fosse de destaque, pois era dever delas cuidar da família, ficando à disposição das tarefas do lar. Por isso, a história de mulheres ao serem escritas está sendo transformadas em vozes que foram silenciadas por séculos e que ainda continuam sendo caladas. Silêncio esse que é proveniente de vários motivos que dificultam os relatos.

Sendo assim, nota-se a insignificância da figura das mulheres perante a sociedade, e a sua submissão aos domínios masculinos. Perrot (2013) em seus estudos fala que elas não têm sobrenomes, carregam apenas um nome e os homens é que trazem os sobrenomes que são propagados. Com isso, percebe-se que as mulheres eram vistas como objetos que ficavam a disposição e submissas aos senhores detentores dos privilégios sociais. Para Perrot (2013, p. 13) contar a história de mulheres “faz emergir novos objetos no relato que constitui a história, a relação incessantemente renovada entre o passado e o presente”, ou seja, a HO deu voz às mulheres. E isso significou uma mudança no trato à história e também com a história da educação.

Sendo assim, Nascimento (2011, p. 270) aponta que “a história da educação é importante para compreendermos as formas como os homens¹ organizam suas vidas e relações com o grupo em que estão inseridos”, ou seja, através da história da educação podemos observar e comparar a forma como o processo educativo se desenvolvia em épocas diferentes através dos relatos das memórias de vida de professores. Por isso, a memória é fundamental para os relatos, ou seja, ela é uma peça importante para a HO e para a construção da História da Educação.

O estudo da história das mulheres é muito recente, de acordo com Scott (2001, p. 65), “a história das mulheres apareceu como um campo definível principalmente nas duas últimas décadas. [...], a história das mulheres é uma prática

¹ Utilizamos citação direta conforme palavras do autor. Porém, aqui propomos a compreensão do termo, indivíduos, sujeitos, como um todo.

estabelecida em muitas partes do mundo”, ou seja, a história das mulheres só passou a ser contada após anos de lutas por parte de uma minoria de mulheres que buscavam seus direitos estabelecidos por lei.

Sobre a história das mulheres Joan (2001, p.80) ressalta que,

A história das mulheres, [...] faz uma modificação da “história”, [...]. Questiona a prioridade relativa dada à “história do homem”, em oposição a “história da mulher”, expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos. [...] representativa da história humana em geral, e as ações das mulheres foram subestimadas, subordinadas ou consignadas a uma arena particularizada [...].

A partir disso, podemos ressaltar que as mulheres foram, cada vez mais ocupando espaço em alguns lugares onde só os homens podiam ocupar, já que antes, de acordo com Louro (2004) as mulheres por serem notadas como seres frágeis, precisavam ser resguardadas e monitoradas, seja pelos pais ou esposo e não podiam trabalhar fora de casa. Ainda sobre a mulher trabalhar fora de casa Louro, (2004) fala que,

Toda e qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco. [...] o trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso o trabalho deveria ser exercido de modo a não se afastar da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar. As jovens normalistas, muitas delas atraídas para o magistério por necessidade, outras por ambicionarem ir além dos tradicionais espaços sociais e intelectuais, seriam também cercadas por restrições e cuidados para que sua profissionalização não se chocasse com sua feminilidade. (LOURO, 2004, p. 379).

Sendo assim, Louro (2004) fala em seus estudos que o magistério tornou-se um trabalho para mulheres porque lhe dava a oportunidade de trabalhar um turno e no outro ela poderia desempenhar os seus trabalhos domésticos, por isso, as Escolas Normais foram sendo procuradas cada vez mais por moças que pretendiam torna-se professoras do ensino primário.

Por isso, como assegura Louro (2004, p. 393), “o magistério primário já era então claramente demarcado como um lugar de mulher e os cursos normais representavam, [...], a meta mais alta dos estudos a que uma jovem poderia pretender”.

Portanto, neste trabalho buscamos rememorar a trajetória educacional e professoral de uma mulher educadora, à luz da História Oral, na perspectiva de refletirmos sobre as contribuições dadas a História da Educação e a História de Mulheres, especialmente no cenário paraibano.

3. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

[...] a memória não reduz ao ato de recordar. Revelam os fundamentos da existência, fazendo com que a experiência existencial, através da narrativa íntegra – se ao cotidiano fornecendo – lhe significado e evitando, [...], que a humanidade perca raízes, lastros e identidades. (Lucila de Almeida N. Delgado)

O presente trabalho trata-se de pesquisa com enfoque qualitativo em educação sobre o processo formativo e a trajetória professoral, tendo como sujeito da pesquisa a professora aposentada Wilma Maria Gomes Marques, através de suas memórias, estas que de acordo com Isidro (2019),

[...] é uma reconstrução emocional e intelectual que acarreta uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é individual, e sim, de um indivíduo inserido num contexto social, seja ele familiar, escolar, nacional (ISIDRO, 2019, p. 74 apud ROUSSO, 1998).

A entrevista à professora Wilma Marques, ocorreu nos dias 08 de agosto, 18 de outubro e 03 de dezembro de 2019, em sua residência, seguindo um roteiro de questionário (APÊNDICE A) semiestruturado, com temas preestabelecidos sobre o processo formativo e a trajetória professoral da entrevistada. A mesma foi dividida em dois momentos, compreendendo os temas: biografia, normalista e professora. Devido a problemas de saúde tivemos que fazer a entrevista em datas alternadas, de acordo com a disponibilidade da entrevistada.

Nos dias 23 de janeiro, 12 de março e 11 de abril de 2020, retornamos a residência da entrevistada para colhermos mais informações e a partir dali tivemos uma conversa informal onde a mesma contou-nos diversas histórias de sua vida.

Sobre a entrevista ser realizada em sua casa, Bonazzi (2017, p. 236) nos fala que o entrevistado em sua casa, ele se sente mais à vontade, pois ali é o seu ambiente onde está impregnado de diversos significados, que ajudarão a ativar a sua lembrança e que ali ele está em contato com os seus familiares.

Utilizamos gravadores dos aparelhos smartphone, Moto G7 e Moto G8, para gravarmos a suas narrativas. A esse respeito Isidro (2019) aponta que:

[...], as narrativas constituem em si mesmas, mais muito mais do que simples testemunhos, a própria experiência do narrador, sendo fundamental para compreender suas práticas a partir das trilhas e movimentos delineados por estes em sua trajetória (ISIDRO, 2019, p. 79 apud CERTEAU, 1994).

O material gravado foi transcrito, digitalizado e preservado juntamente com o acervo iconográfico e escrito, ambos escaneados. Para a realização da entrevista usou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE B), o qual a entrevistada concorda em participar da pesquisa.

A pesquisa utilizou-se de fontes diversas, sendo fontes orais e documentos pessoais da professora entrevistada.

Para Thompson (1992, p. 197):

Toda fonte derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.

Uma parcela do acervo da entrevista como fotografias, certificados, portarias, Ementas do curso Superior, Plano de aula, Certidão, Diário Oficial (1991), Diploma, Boletim e Histórico Escolar do curso Superior já se encontrava, inclusive, à disposição da pesquisadora.

Para o embasamento teórico-metodológico da pesquisa trabalhamos com autores que abordam a temática escolhida tais como: THOMPSON (1992), ALBERTI (2004), PERROT (2013), ALMEIDA (2014), LOURO (2004) entre outros, que trazem conceitos da História Oral, Memórias e narrativas, História de Mulheres.

A pesquisa bibliográfica foi construída junto a biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, acervo particular, acervo virtual, entre outros, onde a partir das leituras do material colhido, pudemos dialogar com os autores sobre o tema escolhido.

Sendo assim, o capítulo seguinte apresenta a trajetória do processo formativo e da vida professoral da professora Wilma Marques, elaborado a partir de suas lembranças, transformadas em narrativas, analisadas conforme fundamentos dos autores estudados.

4. REMEMORANDO O PROCESSO FORMATIVO E A TRAJETÓRIA PROFESSORAL

As escolas normais se enchem de moças. A princípio são algumas, depois muitas; por fim os cursos normais tornam-se escolas de mulheres. Seus currículos, suas normas, os uniformes, o prédio, os corredores, os quadros, as mestras e mestres, tudo faz desse um espaço destinado a transformar meninas/mulheres em professoras. A instituição e a sociedade utilizam múltiplos dispositivos e símbolos para ensinar-lhes sua missão, desenhar-lhes um perfil próprio, confiar-lhes uma tarefa. A formação docente também se feminiza.

(Guacira Lopes Louro)

O ano é de 1947, aos 13 de outubro nascia Wilma Maria Leite Gomes, como assim foi registrada e batizada por seus pais, no sítio Torrões, localizado na zona rural do município de Guarabira. Filha de Juvenal Gomes dos Santos e Francisca Leite Gomes, por lá residiu até seus três anos de vida.

Figura 1: Wilma com um ano de idade de frente a sua casa no sítio Torrões.



Fonte: Arquivo pessoal da professora Wilma Marques (1948)

Figura 2: Wilma com dois anos de idade (1949), em meio a plantação, no sítio Torrões.



Fonte: Arquivo pessoal da professora Wilma Marques (1949)

Em busca de condições melhores, seus pais se mudaram para o Engenho de Antônio de Lemos, onde o patriarca² da família assumia a função de benfeitor, nesta localidade sua mãe deu à luz a outra menina e Wilma Marques ganhava uma irmã, que a partir dali desfrutaria de uma companhia enquanto criança.

Passados alguns anos, seus pais se mudaram para a zona urbana de Guarabira. O seu pai passou a trabalhar como agente policial na cidade, emprego

2 O termo foi utilizado devido ao contexto familiar da professora Wilma Marques e da época estudada.

arrumado através de apadrinhamento político, já que naquela época as contratações ficavam a cargos dos estadistas influentes, e, sua mãe, para completar a renda da família, bordava em casa, para as senhoras da alta sociedade guarabireense. Como podemos constatar na fala da professora Wilma Marques,

[...] meu pai trabalhou no Engenho de Sr Antônio de Lemos e a minha mãe bordava pra fora, fazia enxovais de crianças. Bordava muito bem! E depois eles se mudaram aqui pra Guarabira, onde meu pai começou a trabalhar por intermédio de um deputado que tinha aqui em Guarabira, que gostava muito dele, [...], deu emprego ao meu pai, nomeou meu pai para trabalhar na polícia. Polícia Civil de Guarabira, [...] ele era policial, [...]. (MARQUES, Entrevista cedida em 18/10/2019).

Já em Guarabira, Wilma Marques começa seus primeiros rabiscos, tracejados, desenhos e pinturas na Escola de “Dona Dorinha”, segundo ela ficava próximo ao antigo cinema São José. Mais tarde inicia uma nova etapa, o curso primário, através de leituras e junção das sílabas na Escola Santa Terezinha, da professora Maria Eulália Cantalice³, onde se preparou para fazer o teste de admissão⁴. Como ela ressalta:

A minha vida educacional, eu comecei (parou e pensou) ... Eu comecei a estudar na Escola Santa Terezinha. A Escola da professora Maria Eulália Cantalice (emocionada), uma grande professora de Guarabira, dona Maria Eulália. Toda pessoa que fosse estudar, estudava na Escola de Maria Eulália, que era pra fazer o ... admissão. (MARQUES, Entrevista cedida em 08/08/2019).

Nesses estabelecimentos de ensino ela iniciava, sem saber, sua trajetória de vida professoral, através da educação. Aquela criança do início prosseguiu os seus estudos sempre influenciada pelo seu pai, que segundo nos contou, a sua família é de “[...] origem humilde e tinha com o que passar e o meu pai era um homem que só dava valor a educação” (MARQUES, entrevista cedida em 18/10/2019), e após essa afirmação permaneceu em silêncio, por alguns minutos.

3 Destaque na educação do município de Guarabira era dona da Escola Santa Terezinha, como a professora Wilma (sobrenome) citou. Sua biografia foi descrita no livro “Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações, do professor Charliton José dos Santos Machado, escrita por Tatiana de Medeiros Santos. Segundo Santos (2011, p. 88): a professora Maria Eulália Cantalice, foi proprietária da antiga Escola Santa Terezinha por 35 anos e foi fundadora de todos os colégios, da época, do Jardim de infância e do curso pedagógico.

4 O teste de admissão consistia em uma prova onde as moças eram admitidas para cursarem o curso Normal.

Como percebemos apesar de levar uma vida simples e humilde, ela e as suas irmãs eram crianças felizes, dividiam seu tempo entre brincar, estudar e instruir-se nos afazeres destinados as “mulheres”, pois, começavam em casa a aprender a bordar, fazer crochê, entre outras prendas ensinadas pela sua mãe. Wilma Marques relembra um pouco da sua rotina da infância:

A gente brincava de roubar bandeira, de uma música que tinha... fui na Espanha. Brincava de toca, de boca de forno e assim por diante. [...] quando eu tinha uns 12 anos, eu trabalhava! Eu fazia crochê. Ainda hoje faço! Eu bordava! Minha mãe era uma mulher que bordava. (MARQUES, Entrevista cedida em 23/01/2020).

Ainda sobre as brincadeiras da infância, a professora lembra afetuosamente dessa fase, para ela são lembranças que o tempo não apagou.

... eu brincava muito! Brincava de roda, toca, cantava, passeava e quando eu ia para a fazenda do meu avô. Nesse tempo, não tinha transporte assim pra gente ir. A gente não possuía carro, ia no caminhão grande chamado “misto”. Cheio de gente em cima que ia para feira de Cuité⁵. Então papai mandava a gente ir. Eu ia com a minha mãe. [...] a gente ia para fazenda do meu avô. [...] Quando a gente chegava era assim num quarto ... um armazém, uma tábua com uns cabaços⁶ assim, que era para os ratos não descer. [...] era assim, aquela tábua cheia de queijo. Queijo de coalho, queijo de manteiga. (MARQUES, Entrevista cedida em, 23/01/2020).

Os trabalhos manuais e domésticos que eram ensinados em casa faziam parte da educação das moças daquela época, como Louro (2004) nos mostra:

As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviços, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente. O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas. (LOURO, 2004, p. 373).

A partir disso, percebe-se que as mulheres eram ensinadas, educadas e preparadas desde crianças para tomar conta da casa, ter filhos e submeter aos anseios do esposo. Louro (2004) afirma que:

5 Cuité – município paraibano localizado na microrregião do Curimataú Ocidental.

6 Cabaço – fruto originário da cabaceira, de acordo com o dicionário online de Português.

A mulher brasileira, como de qualquer outra sociedade da mesma civilização, tem de ser esposa, amiga e companheira do homem, sua aliada na luta da vida, criadora e primeira mestra de seus filhos, confidente e conselheira natural do seu marido, guia de sua prole, dona e reguladora da economia da sua casa, com todos os mais deveres correlativos a cada uma destas funções. (LOURO, 2004, p. 375).

Sendo assim, pode-se observar que as mulheres, neste espaço de tempo que a professora Wilma narra, viviam suas vidas a partir de uma construção cultural e social onde a sua figura era associada à boa esposa, mãe, dona do lar, entre outros. Atualmente esta concepção permanece impregnada em nossa sociedade, que aos poucos vem sendo desconstruída por lutas diárias de mulheres que buscam igualdade de direitos para ambos os sexos.

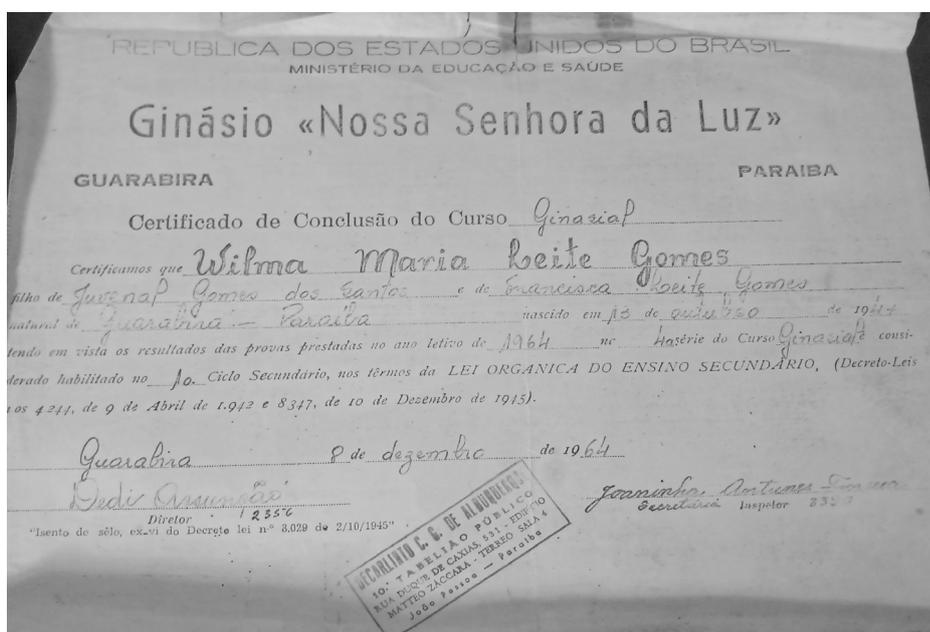
Dando sequência aos seus estudos, Wilma Marques, ingressou no curso Ginásial, através do concurso de admissão, no Ginásio “Nossa Senhora da Luz” e se lembra, com um sentimento de imensa gratidão ao seu pai, de como ela conseguiu estudar nesta escola, a partir do empenho e esforço dele.

[...] eu estudei no colégio da Luz porque o meu pai dava muito valor a educação. Então o meu pai me matriculou no colégio da Luz, [...] Ele era da polícia, e ganhava muito pouco, [...] e não dava para eu estudar no colégio da Luz. Então ele tinha um amigo aqui, [...] que tinha um bar, [...]. Ai papai trabalhava toda noite e no fim do mês recebia o dinheiro para pagar o colégio. (MARQUES, entrevista cedida em 08/08/2019).

Nesta Escola, ela cursa o primeiro e segundo ciclo do ginásio, onde em oito de dezembro de no ano de 1964, Wilma conclui o curso Ginásial, de acordo com os termos da Lei Orgânica do Ensino Secundário⁷ (LOES), como podemos observar no documento abaixo:

7 Esta Lei é regida pelo Decreto – Leis, nº 4.244, de 9 de abril de 1942, em seu Art. 2, assegura que: “O ensino secundário será ministrado em dois ciclos. O primeiro compreenderá um só curso: o curso ginásial. O segundo compreenderá dois cursos paralelos: o curso clássico e o curso científico”. Lei 8. 347, de 10 de dezembro de 1945. Art. 5º Haverá dois tipos de estabelecimentos de ensino secundário: o ginásio e o colégio. § 1º Ginásio será o estabelecimento de ensino secundário destinado a ministrar o curso de primeiro ciclo. § 2º Colégio será o estabelecimento de ensino secundário destinado a dar, além do curso próprio do ginásio, um dos dois cursos de segundo ciclo, ou ambos.”

Figura 3: Certificado de conclusão do curso ginásial, 1º ciclo do secundário, de Wilma Maria, no ano de 1964.



Fonte: Arquivo pessoal da professora Wilma Marques (1964)

Em relação às disciplinas que compõem o primeiro ciclo ginásial, o artigo 11 da Lei, nº 4.244, de 9 de abril de 1942, especifica da seguinte maneira:

Primeira série: 1 Português. 2) Latim. 3) Francês. 4) Matemática. 5) História geral. 6) Geografia geral. 7) Trabalhos manuais. 8) Desenho. 9) Canto orfeônico. Segunda série: 1) Português. 2) Latim. 3) Francês. 4) Inglês. 5) Matemática. 6) História geral. 7) Geografia geral. 8) Trabalhos manuais. 9) Desenho. 10) Canto orfeônico. Terceira série: 1) Português. 2) Latim. 3) Francês. 4) Inglês. 5) Matemática. 6) Ciências naturais. 7) História do Brasil. 8) Geografia do Brasil. 9) Desenho. 10) Canto orfeônico. Quarta série: 1) Português. 2) Latim. 3) Francês. 4) Inglês. 5) Matemática. 6) Ciências naturais. 7) História do Brasil. 8) Geografia do Brasil 9) Desenho. 10) Canto orfeônico. (LEI, nº 4.244, de 9 de abril de 1942).

A partir disso, percebemos que durante o período em que cursou o primeiro ciclo do secundário de 1960 – 1964, com duração de quatro anos ela estudou diversas disciplinas que foram incorporadas ao currículo da época, como estava descrita na LOES que estabelecia as normas de funcionamento das escolas. Dentre as disciplinas as estudantes aprendiam o português, Francês, Latim, desenho, canto, trabalhos manuais, entre outras. Como podemos conferir na foto abaixo do certificado de conclusão:

Figura 4: Registro de disciplinas cursadas por Wilma no primeiro ciclo do secundário (1960 – 1964)

Disciplina	1960	1961	1962	1963	1964	Média	Classif.
1ª Série	39	51	42	64	61	40	76
2ª Série	56	57	60	76	86	79	-
3ª Série	70	63	85	85	76	80	78
4ª Série	85	85	83	85	79	84	-

(Diretor) *Carlos Oribaldi*
 (Inspetor) *Comandante Correia de Sales*

RECINTO C. G. DE ALBUQUERQUE
 19. TABELÃO PÚBLICO
 Rua do Imperador, 111 - FORTALEZA
 CEP: 01011-900 - SÃO PAULO - SP

AUTENTICO esta fotocópia, reprodução fiel do original; don 16, Dec-lei 2148 de 25 de 05 de 1949.
 João Pessoa, 04 de 04 de 19 72
Emílio G. de Albuquerque

Fonte: Arquivo pessoal da professora Wilma Marques (1964)

Sobre a disciplina de trabalhos manuais, Wilma Marques, lembra que na escola:

[...] existia uma sala apropriada para trabalhos domésticos e tinha a irmã Inês Leão que ela ensinava pintura, ensinava pregar botão, casear. Eu aprendi tudo! Tudo o que eu sei fazer eu devo a Escola Nossa Senhora da Luz! (MARQUES, Entrevista cedida em 08/08/2019).

Percebe-se que as escolas das Décadas de 1960 e 1970, possuíam salas específicas para que as moças fossem preparadas para os afazeres de casa, que para Almeida (2014, p. 61-62) era “uma educação que visava, sobretudo, preparar as jovens para o casamento em idade de extrema juventude”, ou seja, nas escolas normais além de preparar as moças para o magistério também eram preparadas para se casarem. Continuando, Almeida (2014) sobre a figura da mulher perante a sociedade e a igreja,

Por carregar a nódoa do pecado original, a mulher deveria ser vigiada, mesmo que isso significasse tolher sua liberdade, abafar sua individualidade e privá-la do livre arbítrio. O casamento e a maternidade eram a sua salvação; honesta era a esposa mãe de família; desonrada era a mulher transgressora que desse livre curso à sexualidade ou tivesse comportamentos em desacordo com a moral cristã. Para a missão materna as meninas deveriam ser preparadas desde a mais tenra idade, fosse nos colégios católicos,

nas escolas protestantes, nos estabelecimentos de ensino não confessionais ou nas instituições públicas. (ALMEIDA, 2014, p. 63).

Sendo assim, percebe-se a forte influência do poder religioso sob a formação das moças, onde as mesmas deveriam ser dominadas, não poderiam transgredir, pois a transgressão estava ligada a pessoa, e elas tinham sua imagem associada à de Nossa Senhora, uma mulher pura e fiel.

A professora Wilma Marques, em meio a risos, nos contou que a sua bolsa escolar era feita dos cartões que vinham os tecidos para amostra, na loja de tecido do seu tio. Ela também relembrou do seu lanche, preparado por sua mãe, para ela comer na hora do recreio na escola.

A minha bolsa!! (risos) [...] O cartão duro, abria e fechava, tinha um elástico assim de fechar. Eu ia para escola, colocava meus cadernos dentro, a cartilha e ia me bora. [...] O meu lanche era uma banana. Ah!!! Eu brincando já chegava preta. Brincava, levava uma garrafinha com água, copo. (MARQUES, Entrevista cedida em 23/01/2020).

A partir das suas memórias percebemos que apesar das dificuldades financeiras nada lhe impedia de buscar conquistar seus ideais e ela sabia que isso só seria possível através dos estudos.

Figura 5: Wilma Marques, no dia de sua colação de grau da Escola Normal.



Fonte: Arquivo pessoal da professora Wilma Marques (1964)

Vinda de uma família tradicionalmente católica apostólica romana, aos vinte anos de idade, decide formar a sua família e casa-se com o seu primo, Arnaldo Marques. A partir de então o seu nome passou a ser Wilma Maria Gomes Marques.

Dessa união nasceram três filhos e, de acordo com a mesma, faz dois anos que o seu esposo faleceu.

[...] Eu casei com um primo meu. Arnaldo Marques. Tive três filhos, [...], e consegui formar meus filhos, porque meu esposo também, o negócio dele era educação. Ele não estudou, porque no tempo dele, o pai só colocava para trabalhar na agricultura, [...]. Mas, foi diferente. Meus filhos estudaram. [...] Atualmente eu sou viúva, o meu esposo faleceu de infarto fulminante e eu fiquei tomando conta dos meus filhos até hoje. (MARQUES, Entrevista cedida em 03/12/2019).

Já casada, ela decide continuar seus estudos e, quatro anos após o término do primeiro ciclo do secundário, Wilma Marques passa a cursar o segundo ciclo na Escola Normal Nossa Senhora da Luz, onde no ano de 1970 recebe o diploma de professora primária.

Wilma Marques persistiu nos estudos e ingressou na primeira Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guarabira⁸ (FAFIG), onde cursou Estudos Sociais. Em 1983, fez vestibular novamente e passou a cursar História, na mesma instituição de ensino, que atualmente é a Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira.

Figura 6: Wilma Marques recebendo, simbolicamente, das mãos do reitor, o grau de licenciada em Estudos Sociais.



Fonte: Arquivo pessoal da professora Wilma Marques, 1975.

Wilma como assim é mais conhecida na cidade, reside ainda no município de Guarabira, no centro da cidade, atualmente está com 72 anos de idade. Segundo ela, nesta casa ela construiu toda sua vida familiar, foram cinquenta anos de casada

8 O funcionamento desta Faculdade foi autorizado pelo Ministério de Educação e Cultura de 15 de abril de 1971 – Decreto Federal nº 68. 509. De acordo com Wilma Marques, a FAFIG, funcionava no mesmo prédio da Escola Normal Nossa Senhora da Luz.

ao lado do seu esposo e desta só pretende sair para o cemitério. Como podemos notar em suas palavras, “Eu amo Guarabira. Vou morrer e vou me enterrar em Guarabira. Eu tenho meu lugarzinho já separado onde está a minha mãe e o meu pai”. (MARQUES, entrevista cedida em 03/02/2019).

Figura 7: Professora Wilma Marques atualmente (2019)



Fonte: Arquivo pessoal de Karolyny Gomes Marques, 2019

4.1 As Memórias Educacionais de uma Normalista (Final dos anos 1970)

As Escolas Normais, especificamente para o sexo feminino, surgiram por volta do final do Século XIX, tendo como ponto de partida os Liceus⁹, a fim de preparar moças para atuarem no magistério, ficando a cargo delas a educação das crianças.

Percebemos que as mulheres começam a ganhar um “pequeno” espaço na sociedade através da prática docente, onde alguns órgãos públicos incentivavam a classe feminina a trabalharem fora do lar, ensinando as crianças a ler e escrever, mas, existia uma grande parcela da sociedade que ainda pensava que as moças

9 Kulesza (1998, p.64), nos fala que “[...] a formação de professores para as escolas primárias no Brasil, exigidas pela nova ordem social, nasce umbilicalmente vinculada aos tradicionais Liceus. Tradicionalmente destinados à formação das elites masculinas, essas escolas, [...], influenciarão fortemente as iniciativas de criação de Escolas Normais, especialmente nos momentos iniciais”.

deveriam ser apenas do lar. Sendo assim, a função da Escola Normal, a partir dos estudos de Almeida (2014, p. 70) era para,

[...], formar professoras para um desempenho pedagógico calcado no humanismo, na competência e nos valores sociais. [...], a Escola Normal voltava-se para a educação feminina como parte do projeto civilizador da nação e cumpre funções de educar e instruir as futuras esposas e mães, as donas de casa encarregadas da educação familiar e do fortalecimento da família.

Louro (2004, p. 380) vem nos dizer em seus estudos que “as escolas normais se enchem de moças. A princípio são algumas, depois muitas; por fim os cursos normais tornam-se escolas de mulheres”, sendo assim, a formação de professores passa a ser especificamente para moças, pois associaram a figura feminina a de professora de crianças.

Essas instituições de ensino surgem primeiramente nas capitais do país, sob a responsabilidade do poder público, porém, com o passar do tempo e a grande procura por cursos de formação, elas foram sendo estendidas para os interiores com um número maior de habitantes, que pudessem atender as cidades circunvizinhas e ficando a cargo do poder privado. Almeida (2014) faz a seguinte observação sobre a expansão das escolas normais,

[...], o magistério e a educação eram vistos como instrumentos eficazes e determinantes para a formação de profissionais encarregados de exercer o ensino. Porém, as escolas normais públicas eram insuficientes para atender à demanda, e logo se estendeu a autorização de funcionamento para escolas normais livres particulares e municipais. (ALMEIDA, 2014, p. 68).

Sendo assim, o município de Guarabira foi contemplado com a Escola Normal Nossa Senhora da Luz, onde a professora Wilma Marques estudou e a unidade escolar era administrada pelas irmãs da Congregação Santa Catarina, ou seja, os ensinamentos ficavam a cargo da igreja Católica.

Sobre a estrutura da Escola ela traz a lembrança de que “o prédio da escola era um prédio muito bom, tinha capela, salas de pintura, piano [...] era bacana, muito bem organizado” (MARQUES, entrevista cedida em: 12/03/2020). Com isso percebe-se que a Instituição tinha uma estrutura física adequada, organizada onde o seu alunado poderia desfrutar das atividades oferecidas pela mesma, de uma forma mais dinâmica.

A Instituição de ensino, Nossa Senhora da Luz, tinha um regime severo quanto à disciplina das moças. As normalistas, ao chegarem à escola, já tinha uma irmã presente na porta para recolher as cadernetas que eram anotadas a frequência de cada educando. Como é bem lembrado por Wilma Marques,

A gente levava uma cadernetinha ela [...] vinha pronta da tipografia! A cadernetinha era verde! [...] a irmã Matilda [...] ela levava aquelas cadernetas lá pra dentro. Todo mundo que entregou a cadernetinha ela botava o carimbo de presente! E quem não entregou, no outro dia ela colocava faltou! (MARQUES, entrevista cedida em 23/01/2020).

Percebemos através da lembrança da professora que, no final dos anos de 1960, a frequência das alunas era acompanhada por cadernetinhas¹⁰ individuais e por dias, feita por uma encarregada do setor administrativo, diferente do que ocorre nos dias atuais, onde o professor que faz a chamada em sala de aula e por disciplinas.

Dentre a rotina da escola, todos os dias as normalistas antes de entrarem para as salas de aula acompanhavam no pátio da escola o hasteamento da bandeira, cantavam o hino nacional e rezavam, pois nesse período a/os aluno/as deveriam sempre demonstrar amor e respeito pela pátria, só após esses procedimentos elas podiam começar a estudar. E a professora lembra que em dias de festas, além da rotina diária, elas ainda cantavam louvores.

Nós rezávamos e cantávamos o Hino Nacional. Mas em dias comemorativos cantávamos louvores. O louvor era assim: Um dia festivo hoje amanheceu, meninas cantando louvores aos céus. As flores mais lindas do meu parreiral... Lá lá lá lá. (MARQUES, entrevista cedida em 23/01/2020).

Após a fala acima, a professora Wilma Marques chegou a cantar o trecho da música acima. Percebíamos em sua fisionomia a alegria com que ela lembrava e cantava. Ressaltando que o hábito de hastear a bandeira e cantar o Hino Nacional nas escolas, antes dos alunos entrarem, era típico de um período pós-ditadura, para que os/as educandos/as mostrassem respeito pela pátria.

A Escola Normal Nossa Senhora da Luz, por ser uma instituição administrada pela igreja Católica, e que preparava as moças para serem professoras de crianças,

10 Sobre as cadernetinhas, a professora Wilma Marques, nos falou que ela tinha guardadas algumas até um tempo atrás, mas devido algumas mudanças em sua casa elas se perderam, a mesma falou que não sabe como, mas que não as possui mais.

defendia o uso do fardamento de modo indispensável e a higiene pessoal também. Como recorda a professora Wilma Marques,

A farda era [...] saia plissada, uma blusa de mangas compridas. Tinha aqui as iniciais do colégio. A saia era azul! Sapato de correia. A correia do sapato era aqui! O cabelo só podia colocar um laço. Fazia duas tranças. Só entrava com as unhas bem limpas. Fazia assim para ver se a farda tinha sido vestida hoje. Quem vinhesse com a blusa suja voltava, a meia todo dia bem lavada! (MARQUES, entrevista cedida em 23/01/2020).

Ainda sobre o seu fardamento, Wilma Marques nos falou, em meio a risos, que como o fardamento tinha que estar sempre impecável, então a saia dela era colocada embaixo do colchão da cama para que as plissas ficassem sempre perfeitas e que depois a sua mãe comprou uma ombreira apropriada para que a saia não se amassasse.

De acordo com Almeida (2014, p. 78) “nos colégios católicos as freiras encarregavam-se de instruir e educar as meninas, [...]”, como notamos na fala da professora Wilma Marques: “Os professores era mais freiras. Tinha um padre chamado padre Assis. [...] tinha o professor Manoel Amaro, sabia uma história danada. [...] Esse padre Assis, ensinava Latim. [...] a gente respeitava o professor” (MARQUES, entrevista cedida em 12/03/2020), percebe-se que por se tratar de uma instituição mantida pela igreja, os educadores eram preferencialmente freiras, quando não um padre.

Por ser uma instituição conservadora, as salas de aulas eram organizadas de forma tradicional, o professor ficava a frente da turma, as carteiras eram enfileiradas e só quem podia falar era o professor, como relembra a entrevistada:

O professor dava aula, tinha um quadro – negro enorme. Do tamanho da sala. Mas eles davam aula assim: tinha um birô, era em cima de uma parte de madeira alta, assim, de dois palmos, o professor ficava em cima [...] ficava dominando a turma. De cima ele via a turma todinha. (MARQUES, entrevista cedida em 12/03/2020).

Nota-se na fala da entrevistada a forma marcante de uma educação tradicional, onde o professor era o detentor do saber. Sobre isso, Libâneo (2013, p. 67) aborda que neste processo educacional “a atividade de ensinar é centrada no professor, que expõe e interpreta a matéria”, e o aluno é apenas um receptor de conhecimentos, ou seja, o educador transmitia e o aluno reproduzia.

As disciplinas eram ministradas de forma isolada, cada qual com suas técnicas individuais, não havia uma interação entre elas. Tudo era feito de forma sistemática para que os alunos “aprendessem” e depois seria avaliado a partir de provas. As normalistas possuíam um currículo variado, elas tinham aulas de culinária, bordados, pinturas, latim, entre outras que destinavam aos afazeres do lar. Como bem relembra a educadora Wilma Marques,

Eu estudava Português, matemática, educação artística e canto. Desenho geométrico, bordado. [...] sabia pregar crochets (macho e a fêmea), sabia pregar um botão, [...] sabia ponto de cruz, ponto de casa. Começava com um pontinho de alinhar. Tinha tudinho. (MARQUES, entrevista cedida em 23/01/2020).

E como o professor exibia a sua imagem na sala, como superior aos seus educandos, as normalistas possuíam um maior respeito com os mestres em sala de aula e fora, a única relação que se poderia formar era professor X aluno.

O instituto Normal de Guarabira todos os anos no dia sete de setembro, em que se comemora a independência do nosso país, celebrava junto com as suas alunas esta data especial. Informalmente, Wilma Marques lembrou que elas, as normalistas, durante uma semana faziam todas as condecorações referentes à data.

A escola possuía uma banda marcial, na qual ela tocava caixa, que desfilava pelas ruas espalhando as suas notas musicais. A educadora Wilma Marques traz essa recordação, “Todo ano no dia sete de setembro, eu tocava caixa. Tinha uma farda azul. Uma blusa. Saia branca plissada. Sapato, meião e um bonezinho, assim de lado” (MARQUES, entrevista cedida em 23/ 01/2020).

Figura 8: Wilma ao lado do seu esposo, com a farda da Banda Marcial da Escola Normal de Guarabira.



Fonte: Arquivo pessoal da professora Wilma Marques.

4.2 Com a palavra: a professora Wilma (anos 1966 – 1991)

Antes mesmo de concluir a sua formação pedagógica a professora Wilma já iniciava a sua vida professoral para ajudar na renda familiar, nos fundos da casa de sua família. Naquele espaço improvisado, que era destinado para os afazeres domésticos, ela transformava em sala de aula e, debaixo de um pé de bananeira, ensinava as primeiras letras às crianças circunvizinhas que não podiam frequentar a escola, por diversos fins.

Informalmente¹¹, a professora Wilma Marques lembrou que começou sua vida professoral aos treze anos de idade, onde dava aula a três alunos que tinham vergonha de irem à escola, e, então seu pai, comprou tamboretas e uma mesa e montou a sua sala de aula em casa.

A professora Wilma Marques, fora do alcance do gravador, aos sorrisos, lembrou a forma como ela recepcionava os seus alunos e o método que ela usava para ensiná-los o alfabeto, chegou até a cantar partes da música que ela utilizava. E ela cantou assim: “Olha ai seu Serafim, esta letra faz assim: B com A, faz BA; B com E, faz BE; B com O faz BO; B com U, faz BU”. Como podemos perceber nas lembranças da professora, em suas aulas, ela utilizava o método silábico.

Aos dezenove anos de idade, Wilma Marques obteve o seu primeiro cargo público, exercendo a função de professora nas escolas do município de Guarabira,

¹¹ Este termo é utilizado quando a entrevista não está sendo gravada.

ficando à disposição da secretaria municipal do ano de 1966 a 1968, de acordo com uma certidão emitida pelo órgão competente.

No ano de 1968, cursando a 2ª série do 2º ciclo ginásial, surge a oportunidade de a professora colocar em prática os ensinamentos teóricos aprendidos, desta vez nas escolas da rede estadual da Paraíba. A mesma foi contratada para exercer a função de auxiliar de ensino primário na Escola Isolada Cachoeira dos Guedes¹², localizada na zona rural da cidade. Ela relembra este momento, “Eu comecei a ensinar em Cachoeira dos Guedes, um contrato de um deputado muito amigo do meu pai. [...] arrumou um contrato para mim como auxiliar de ensino” (MARQUES, entrevista cedida em 08/08/2019), como um pontapé inicial na sua carreira no magistério.

No momento da entrevista, a professora Wilma Marques ressaltou que apesar do seu contrato de trabalho ter sido por intermédio político, ela era “capacitada, [...] e não tinha concurso todo o tempo, né?” (MARQUES, entrevista cedida em 11/04/2020), isto porque a mesma ingressou no serviço público antes da Constituição de 1988.

Neste estabelecimento escolar, Wilma Marques passou a lecionar como professora polivalente, e atuava como alfabetizadora das crianças daquela localidade tão carente de uma educação de boa qualidade. Sobre a escola de Cachoeira ela relembra as dificuldades que passou junto a suas colegas de profissão, para se deslocar para chegar até lá e como retornar para casa, já que a mesma situava-se na zona rural do município.

[...] Ensinava eu e uma amiga minha chamada Marli. [...] A gente todo dia ia para Cachoeira de ônibus, às vezes, os motoristas deixavam a gente. Ai a gente passava até no sei que horas esperando outro ônibus. Chegava em casa tarde! (MARQUES, entrevista cedida em 08/08/2019).

A professora Wilma Marques, de maneira informal, nos falou que ir até aquela escola encontrar as crianças era um motivo que a fazia cada vez mais seguir a sua carreira professoral, porque para ela ser professora era uma vocação e que estava ligada a figura da mulher, da boa mãe e boa filha.

Sobre a vocação e a feminização do magistério, Louro (2004) fala que:

12 Obtivemos essas informações através da portaria original, que a professora Wilma Marques disponibilizou para consulta no momento da entrevista.

[...] as mulheres tinham, por “natureza, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras, por tanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, a extensão da “maternidade, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espiritual. [...] Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivessem vocação”. (LOURO, 2004, p. 376)

Podemos perceber que a feminização do magistério se deu pela imagem que a mulher refletia de ser boa esposa, mãe e filha e que assim educariam e cuidariam melhor dos/as filhos/as dos senhores de renome social, ou seja, a mulher em sala de aula representaria a figura da mãe.

A professora Wilma Marques, muito emocionada, lembrou o carinho e acolhimento da comunidade local de Cachoeira dos Guedes. Ela nos contou que os moradores gostavam muito dela, a tratavam muito bem. Sempre queriam lhe agradar presenteando-a com os produtos cultivados na própria comunidade. Nesta escola ela lecionou até o ano de 1971, quando foi removida a pedido para a Escola Estadual Antônio Benvindo, que ficava localizada na zona urbana do município de Guarabira.

O seu pedido de remoção se deu por motivo da escola ser localizada na zona rural e a locomoção até a mesma tornava-se cada vez mais difícil, pois nem todos os dias o seu esposo estava disponível para levá-la até lá. Na escola Antônio Bem Vindo a professora Wilma Marques lecionou por quatro anos, ainda como professora do ensino primário, como era definido na época.

Em 1975, logo após se formar em Licenciatura em Estudos Sociais, pela FAFIG, a professora Wilma Marques foi contratada pelo governo do Estado, lotada na secretária de Educação, para ser professora de ensino médio da cadeira de Geografia no Colégio Professor José Soares de Carvalho, popularmente conhecido na cidade como o Colégio Estadual.

Ao ser perguntada sobre algo que marcou a sua passagem por essa escola, a professora Wilma Marques se lembrou da época em que seus alunos/as lhe fizeram uma singela homenagem, pois a mesma iria se afastar das atividades porque ia nascer o seu primeiro filho.

[...] no dia que eu ia sair, me afastar do colégio pra ganhar meu primeiro filho, em fevereiro... [Breve silêncio]. Porque a gente começava a dar aula em fevereiro, [...] estava havendo uma festa no colégio, aí os meninos arrancaram os enfeites da festa e foram levar para mim. Eles eram tudinho doidos por mim". (MARQUES, entrevista cedida em 11/04/ 2020).

Percebe-se na recordação da professora que ela era bem-aceita pelos seus alunos/as. Ela nos contou que “conhecia” cada criança ou adolescente que ela ensinava, sabia a necessidade e usava sempre da compreensão para com eles/as.

Eu não colocava falta, não! Pois eu sabia os alunos que precisavam. Eu conhecia meus alunos que moravam no sítio, não podiam chegar cedo e os que chegavam atrasados. Muitas vezes quando Arnaldo ia me deixar no colégio eu dava uma carona a um menino que ia a pé, nas carreiras, ali na pista. (MARQUES, entrevista cedida em: 11/04/ 2020).

Nesta escola a professora Wilma Marques lecionou, por onze anos consecutivos, a disciplina de geografia. Em 1986, para acompanhar o seu esposo, ela pediu remoção para a Escola Estadual de 1º e 2º graus da cidade de Cuité-PB, ficando lá por um ano. Nota-se que mesmo mudando de cidade a favor de seguir os caminhos do marido, a professora não se distanciou da sua profissão. Em 1987, novamente a pedido, ela retornou à cidade de Guarabira para Escola Estadual Monsenhor Emiliano de Cristo, conhecida como Polivalente, onde permaneceu até o dia 28/12/1991, quando foi publicado no Diário Oficial a sua aposentadoria.

Sendo assim, a professora Wilma Marques, dedicou mais de vinte anos à vida professoral. Perguntamos a ela se arrependia de ser professora e a mesma nos respondeu que não, que ser professora é muito gratificante.

5 UMA VOZ PARA NÃO ESQUECER: ALGUMAS (IN) CONCLUSÕES

A partir dos estudos realizados, percebe-se que a História Oral, abriu um leque para que histórias de pessoas comuns pudessem ser contadas a partir das narrativas, das suas memórias, principalmente, histórias de mulheres, sujeitos que ficaram e ficam a margem nas histórias oficiais.

As histórias de mulheres ganharam grande destaque com a HO. A partir da História da Educação deu-se início as narrativas das mulheres que fizeram parte do processo educativo e que contribuíram na educação enquanto professoras.

Sendo assim, este trabalho nos trouxe memórias da professora Wilma Maria Gomes Marques, que estavam guardadas, silenciadas, e que contribuíram para compreendermos a História da Educação da Paraíba, especificamente no cenário da cidade de Guarabira.

A professora Wilma Marques, através de suas memórias do seu processo formativo, entre os anos de 1953 a 1974, possibilitou contextualizar entornos sobre a educação voltada as mulheres, destacando sua trajetória de vida bem como sinalizando as instituições de ensino que atendiam a demanda formativa, as disciplinas que abarcavam o ensino, o cotidiano escolar e as práticas educativas desse período.

Percebe-se em suas entrevistas que a mesma iniciou a sua vida professoral muito cedo, mesmo antes de ter concluído o curso normal, para ajudar na renda da sua família, e que a partir dali ela nunca mais parou, tomada pelos preceitos destinados ao papel social da mulher de sua época, como figura cuidadora destinada ao apelo vocacional, princípios legitimados a partir dos papéis sociais conduzidos à mulher no período estudado. Seguiu sua carreira de professora e por mais de vinte anos lecionou nas escolas da rede pública do estado da Paraíba. Diante deste percurso longínquo na educação, cabe-nos refletirmos sobre os desafios e anseios que marcaram, sobretudo, as transformações contextuais, no campo educacional, sentidas e vividas pela professora, compreendendo que sua trajetória de vida e profissional não é linear.

Portanto, a partir dessas e tantas outras inquietações, a pesquisa abre possibilidade para outros estudos ainda mais aprofundados, sobre história de mulheres, histórias de formação de professoras, histórias de instituições escolares, entre outras.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. **Fontes orais**: histórias dentro da história. In: PINNSKY, Carla Bassanezzi. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres na Educação**: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: Saviani, Dermeval.[et al.] (Org.). *O Legado Educacional do Século XX no Brasil*. 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

BONAZZI, Chhantal de Touurtier. **Arquivos**: propostas metodológicas. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (Org.). *Usos & abusos da História oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 233-245

COSTA, Júlio Resende. **A História Oral como fonte na História da Educação**. *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, v.5, n.11, p. 28080-28089, non. 2019. ISSN 2525-8761.

ISIDRO. Thaís Jussara de Oliveira Guedes. **Memória Oral como recurso metodológico**: uma concepção (Auto) Biográfica. In: Machado. Charliton José dos Santos. et al. (Org.) *Exercício da Escrita (Auto) Biográfica*. 1. ed. Fortaleza: UECE. 2019.

JOAN, Scott. História das mulheres. In: Peter Burke (org). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 65-98.

LEI, Decreto. nº 4.244, de 9 de abril de 1942. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De14244.htm, acessado em 23/01/2020 as 15:40 h

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2 ed. São Paulo. Cortez editora, 2013.

LOURO, Guaciara Lopes. Mulheres na sala de aula. In: Del Priori, Mary (Org). **Histórias das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 371 – 403.

MACHADO. Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva. (Org). **Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX**: práticas, leituras e representações. V.2. João Pessoa. Editora Universitária da UFPB. 2011. p. 166.

NASCIMENTO, Thiago Rodrigues. **História da Educação e memórias de professores**. *Revista Histedbr online*, Campinas, n.43, p. 268-284, set 2011 – ISSN:16762584.

PERROT, Michelle. **Minha História das mulheres**. 2ª edição. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto: 2013.

SANTHIAGO, Ricardo. **Da fonte oral à História Oral: Debates sobre Legitimidade**. SAECULUM – Revista de História [18]; João Pessoa, jan/ jun. 2008. p. 33-46

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: Peter Burke (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 65-98.

SHARP, Jim. A história vista de baixo. In: Peter Burke (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 39-63.

THOMPSON. Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra S. A. 1992.

Fontes Orais.

MARQUES, Wilma Maria Gomes. **Wilma Maria Gomes Marques**. Depoimento [08/08; 18/10 e 03/12/2019]. Entrevistadora: Karolyny Gomes Marques. Guarabira: 2019.

APÊNDICE A

TÍTULO DA PESQUISA: Wilma Maria Gomes Marques: Rememorando o Processo Formativo e a Trajetória Professoral

PESQUISADORA: Karolyny Gomes Marques

ORIENTADOR: Prof.^a Ms.^a Thayana Priscila Domingos da Silva

ROTEIRO DE ENTREVISTA

I PARTE: ORIGEM, FAMÍLIA E COTIDIANO

1. Nome completo e data de nascimento
2. Onde e quando nasceu?
3. Qual é a história de origem de sua família?
4. Fale um pouco da sua experiência em família, destacando as origens e influências dos familiares (antepassados) na sua vida anterior e atual.
5. Quantos irmãos formavam a sua família?
6. Quais irmãos mais influenciaram em sua trajetória de vida?
7. Alguém da família influenciou sua trajetória de vida?
8. Como eram as brincadeiras de infância da época?
9. Qual era a profissão dos seus pais?
10. Sua família era religiosa?
11. Como era sua casa? Grande, pequena?
12. Quais lembranças de infância e adolescência foram mais marcantes em sua trajetória?
13. Em quais cidades vivenciou sua experiência de infância e adolescência?

II PARTE: FORMAÇÃO EDUCACIONAL E ATUAÇÃO

1. Como foi o seu primeiro contato com a alfabetização na infância?
2. Como e com quem aprendeu a dominar as primeiras letras?
3. Qual escola frequentou em cada série?
4. Quais os ensinamentos que mais lhe marcaram em seus estudos?
5. Fale um pouco das lembranças da escola de sua infância escolar?
6. Como era o espaço físico da escola?
7. Como era a atuação das professoras da época?
8. Como era vivido o cotidiano escolar?
9. Tem lembranças de seus amigos/as da escola?
10. Os seus irmãos e irmãs cursaram na mesma escola?
11. Qual a sua formação?
12. Que influência teve os estudos para a sua vida profissional?
13. Quais os principais ensinamentos do magistério foram mais marcantes em sua trajetória de formação?
14. Onde e quando iniciou a sua formação do magistério?
15. Alguém influenciou em sua formação?
16. Professore/as ou outras pessoas foram marcantes para suas escolhas profissionais?
17. Já estava casada nesta época?
18. (SE CASADA) Qual a profissão do seu marido?
19. Quais as leituras que nortearam a sua formação do pedagógico nos primeiros anos?
20. Qual era o material didático mais utilizado na escola da época?
21. Possui formação superior?
22. Em que ano iniciou a sua atuação como educadora?

23. No início da carreira profissional já tinha filhos? Quantos?
24. (SE CASADA) Como era conciliar a condição de esposa, mãe e educadora?
25. (SE CASADA) Qual era o posicionamento do seu marido ou família com relação a suas atividades de educadora?
26. Lecionou em quais escolas e séries? Teve outros ambientes que ensinou?
27. Quando e qual foi a primeira escola em que exerceu as atividades como docente?
28. Lecionou em escolas religiosas?
29. Lecionou em outros Programas ou Projetos do Governo? Quando? Como se dava?
30. Exerceu atividade administrativa/gestora na comunidade escolar?
31. Já conhecia a comunidade antes de atuar como educadora? Como?
32. Como se deu o vínculo com a comunidade escolar?
33. Atuou por quanto tempo?
34. Onde estava localizada sua sala? Como era?
35. Quais os dias e horários das aulas ou outras atividades escolares?
36. Como era a formação de sua sala?
37. Quais lembranças de seus alunos/as?
38. Qual foi a sua aprendizagem na perspectiva de educadora? O que tiras de lição?
39. Quais são as lembranças mais marcantes da tua trajetória de educadora?
40. Você atuou com crianças e adultos?
41. Você sentiu alguma diferença entre os dois públicos com o qual você já atuou: crianças e adultos?
42. 29. Como avalia a educação de ontem e de hoje?
43. A maioria do alunado era de público feminino, masculino, criança, jovem, adulto, idoso?
44. Como era seu relacionamento com os/as alunos/as? E com os pais?

45. Como aconteciam as aulas? Quais os assuntos trabalhados em sala de aula?
46. Como era a frequência de seus alunos?
47. Quais as dificuldades e potencialidades em ensinar, ser professora?
48. Como estava o contexto da sua cidade quando atuava como professora?
49. O que achava do seu salário como professora?
50. Quais são seus desejos e perspectivas atualmente?
51. Qual seu desejo para a educação atualmente?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Esta pesquisa é _____ (TÍTULO) e está sendo desenvolvida por _____, aluno/a do Curso de _____, na linha de pesquisa em _____, pela Universidade _____, sob a orientação do/a Professor/a Doutor _____.

O objetivo geral de nossa pesquisa é _____

Solicitamos a sua colaboração para a concretização desta pesquisa, a qual será necessária à realização de uma entrevista gravada em áudio (seguida de um roteiro de questões semiestruturadas sobre a origem familiar, cotidiano, formação e atuação educacional), como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revistas científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do(a) Orientador(a) Responsável

Assinatura do(a) Pesquisador(a) Responsável

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o(a) pesquisador(a) ____ ou orientador(a) _____.

Endereço (Setor de Trabalho): Universidade _____ – Campus ____ / Centro _____ – Unidade Acadêmica _____ -- – UAFM. Telefone: (83)

Guarabira, ____ de _____ 20____.

Observação: A primeira lauda será rubricada e a segunda assinada tanto pelo pesquisador como pelos participantes da pesquisa.